



Uma análise cognitivo-funcional do uso de tú e usted no espanhol oral de Valência

A cognitive-functional analysis of the use of tú and usted in Valencian oral Spanish

Valdecy de Oliveira PONTES*

José Victor Melo de LIMA**

RESUMO: Esta pesquisa objetivou analisar as formas *tú* e *usted* no espanhol oral de Valência, Espanha, a partir de uma interface entre o Funcionalismo e a Linguística Cognitiva. Nessa perspectiva, foram considerados os trabalhos de Givón (1995, 2001) sobre o princípio funcional da marcação e, ainda, os de Langacker (1987, 1991, 2007, 2008) para utilizar uma ferramenta analítica cognitiva que oportunizasse *insights* mais abrangentes sobre as nuances envolvidas no uso das formas em questão. Procedeu-se uma análise qualitativa dos dados, os quais foram obtidos a partir de 12 entrevistas do tipo semiestruturada provenientes do *corpus Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de Valencia* (PRESEVAL). As ocorrências analisadas foram codificadas e quantificadas para fins de frequência de uso. Desse modo, visando maior precisão e minimização de possíveis erros, utilizou-se o *software* Atlas.ti para essa finalidade. Após o tratamento dos dados, obteve-se um total de 597 registros de *tú* e *usted* e respectivos paradigmas. Desse total, o uso da forma *tú* na função de sujeito e objeto foi predominante. Os pronomes em sua função de sujeito demonstraram ser mais proeminentes que suas respectivas formas em função de objeto. Considerando um *continuum* de proeminência, a forma *tú* ocupa o primeiro lugar numa escala de mais proeminente a menos proeminente, seguido da forma *usted*, *te*, *a ti*, *le*, *a usted*, nessa ordem. Assim, as formas de segunda pessoa do singular em função de sujeito constroem o referente de modo mais claro e direto que as formas em função de objeto.

PALAVRAS-CHAVE: Princípio de proeminência. Princípio da marcação. *Tú* e *usted*. Espanhol oral de Valência.

ABSTRACT: The objective of this research was to analyze the use of *tú* and *usted* forms in oral Spanish from Valencia, Spain, using a functional and cognitive linguistic approach. The study considered the functional principle of markedness proposed by Givón (1995, 2001) and the cognitive analytical tool developed by Langacker (1987, 1991, 2007, 2008) to gain a more comprehensive understanding of the nuances involved in the use of these forms. We conducted a qualitative analysis of data obtained from 12 semi-structured interviews from the *Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de Valencia* (PRESEVAL) corpus. We

* Doutor pela Universidade Federal do Ceará (UFC). valdecy.pontes@ufc.br

** Doutorando em Linguística, PPGLing (UFC). profecvictorlima@gmail.com

coded and quantified the analyzed occurrences to determine their frequency of use. To increase precision and minimize errors, we used Atlas.ti software. After analyzing the data, we obtained a total of 597 records of *tú* and *usted* and their respective paradigms. The use of the *tú* form as both subject and object was predominant. Pronouns in their subject function were more prominent than their respective forms in their object function. In terms of prominence, the *tú* form ranked first on a scale from most to least prominent, followed by *usted*, *te*, *a ti*, *le*, and *a usted*, in that order. Thus, the second person singular subject forms construct the referent in a clearer and more direct manner than the object forms.

KEYWORDS: Principle of prominence. Principle of markedness. *Tú* and *usted*. Valencian Oral Spanish.

Artigo recebido em: 18.12.2023

Artigo aprovado em: 09.04.2024

1 Introdução

No tocante à realidade hispânica, tendo em vista a complexidade do sistema de tratamento nessa língua, há uma profusão de trabalhos na literatura especializada sobre a temática. Embora clássico, esse assunto compõe um campo de estudo metodologicamente ainda bastante homogêneo, evidenciando, assim, a necessidade de abordagens não convencionais que permitam um entendimento mais amplo das razões complexas e multifacetadas subjacentes às escolhas linguísticas relacionadas às formas de tratamento em espanhol.

Apesar dos novos enfoques e abordagens na área do tratamento, em especial com o avanço da pragmática (Bertolotti, 2015), as investigações realizadas sobre o tema parecem se concentrar principalmente na análise da interrelação entre a cortesia e as formas de tratamento, conforme pode ser inferido a partir de Blas Arroyo (1994; 1994-1995) e Bertolotti (2015). O primeiro afirma que é frequente a associação das formas *tú* e *usted* com a etiqueta de pronomes de cortesia na linguística em espanhol. De forma análoga, Bertolotti (2015) ressalta que os estudos sobre o tratamento foram enriquecidos nos últimos anos com a inclusão das pesquisas sobre a cortesia.

Com o intuito de contribuir para a ampliação do debate sobre o uso das formas de tratamento, decidimos conduzir uma análise das formas *tú* e *usted* no espanhol oral de Valência, Espanha, a partir de uma interface entre o Funcionalismo e a Linguística

Cognitiva. Nessa perspectiva, foram considerados os trabalhos de Givón (1995, 2001) sobre o princípio funcional da marcação e, ainda, os de Langacker (1987, 1991, 2007, 2008), para utilizarmos uma ferramenta analítica cognitiva que oportunizasse *insights* mais abrangentes sobre as nuances envolvidas no uso das formas em questão.

2 Princípio funcional da marcação

O **princípio da marcação** é um princípio fundamental para o funcionalismo norte-americano. A concepção de marcação tem suas origens na Escola de Praga, onde os termos “marcado” e “não marcado” ganham destaque para referir-se ao contraste entre dois termos de uma mesma categoria linguística, independentemente do nível linguístico. Givón (2001) explica que esse conceito surge como um refinamento da noção de valor saussuriano em oposições binárias, tendo em vista a observação dos linguistas praguenses sobre assimetrias entre dois elementos opostos na fonologia e na gramática.

Desse modo, no Funcionalismo, o elemento marcado é determinado por uma característica que é ausente no elemento não marcado. Segundo Cunha (2017, p. 170), dentre outras definições, as formas marcadas são caracterizadas por: “a) maior frequência de ocorrência nas línguas em geral e em uma língua particular; b) contexto de ocorrência mais amplo; c) forma mais simples ou menor; d) aquisição mais precoce pelas crianças.”.

Na relação entre dois elementos que se opõem, Givón (1995) estabelece três critérios a partir dos quais podemos determinar a forma marcada e a não marcada. São eles:

- (a) **complexidade estrutural:** a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a estrutura não marcada correspondente.
- (b) **distribuição de frequência:** a categoria marcada (figura) tende a ser menos frequente, portanto, cognitivamente mais saliente, do que a categoria não marcada correspondente (fundo).

- (c) **complexidade cognitiva:** a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa — em termos de esforço mental, demanda de atenção e tempo de processamento — do que a estrutura não marcada (Givón, 1996, p. 28, tradução nossa)¹.

Com base no exemplo oferecido por Cunha (2017), é possível observar as formas da língua que aparecem no singular e, de acordo com esse aspecto indicativo de número, classificá-las como formas não marcadas. Isso se justifica pelo fato de utilizarmos com muito mais frequências as palavras no singular do que no plural, além de que os contextos em que aparecem são mais amplos, já que também ocorrem no contexto do plural. Por exemplo, quando alguém afirma que precisa “comprar maçã” para fazer uma sobremesa para família, compreende-se que ele comprará mais de uma unidade da fruta. Quanto à extensão fônica, formas no singular são mais simples devido, claro, à ausência da desinência de plural.

De acordo com Givón (1995), é necessário analisar os critérios de forma independente e levar em consideração o contexto em que as formas ocorrem, pois disso depende a marcação. Por exemplo, uma mesma forma pode ser marcada em um contexto e não marcada em outro. Desse modo, é importante considerar aspectos comunicativos, socioculturais, cognitivos ou biológicos durante a análise. O autor também explica que esse fenômeno não se aplica apenas às categorias linguísticas, mas também a outros fenômenos, como o discurso acadêmico formal, que é mais marcado do que uma conversa do dia a dia, que é menos marcada (Givón, 1995).

1 (a) **Structural complexity:** The marked structure tends to be more complex (or larger) than the corresponding unmarked one.

(b) **Frequency distribution:** The marked category (figure) tends to be less frequent, thus cognitively more salient, than the corresponding unmarked category (ground).

(c) **Cognitive complexity:** The marked category tends to be cognitively more complex — in terms of mental effort, attention demands or processing time — than the unmarked one.

Uma consideração importante a respeito dos critérios de marcação é a complexidade cognitiva envolvida. Conforme Givón (1995), a abordagem desse método é uma tarefa complicada e, portanto, deve ser analisado de forma indireta. No entanto, com base nas reflexões do autor sobre a saliência perceptual e cognitiva, formas mais salientes podem exigir maior tempo de processamento do que as menos salientes. Givón (1995) também assevera que categorias estruturalmente mais marcadas tendem a ser substancialmente mais marcadas. Dessa forma, os critérios de complexidade estrutural e complexidade cognitiva podem ser correlacionados.

Sendo assim, um número considerável de estudos evidencia que o princípio de marcação se mostra atuante na escolha e no uso das formas linguísticas. O aspecto marcado/não marcado favorece um direcionamento para determinadas formas em detrimento de outras que têm a mesma função, tornando a aplicação desse princípio bastante produtiva, não apenas em pesquisas de base funcionalista, mas também sociofuncionalista (cf. Ludwig, 1995; Lima; Coan; Pontes, 2019; Pontes; Silva, 2023).

Vale salientar, ainda, que a forma *tú* tende a ser menos marcada que a forma *usted* em diferentes comunidades de fala hispânicas, devido a sua maior frequência e menor complexidade estrutural e cognitivamente. No entanto, como veremos a seguir, há casos em que um elemento marcado pode ser mais frequente, como o que ocorre em Mérida, na Venezuela, onde a forma *usted* é mais frequente e, portanto, menos marcada que *tú* (cf. Moreno-Fernández, 2020). Desse modo, em articulação com os demais princípios descritos nesta seção, recorreremos ao princípio de marcação em busca de motivações dessa natureza relacionadas ao uso das formas de tratamento no espanhol oral de Valência.

3 Princípio de proeminência

No dizer de Pinheiro e Ferrari (2020), a Linguística Funcional (doravante LF) e a Linguística Cognitiva (doravante LC) são consideradas atualmente como modelos teóricos que podem ser compatíveis entre si e apresentar muitas semelhanças. Nesse

bojo de similaridades, os autores também incluem o aparato teórico da Gramática de Construções, que tem origens ambientadas na LC. Como razões para essa convergência, Pinheiro e Ferrari (2020) apresentam, por exemplo, o fato de o termo “cognitivo-funcional” ou “funcional-cognitivo” ser cada vez mais utilizado na literatura e a inserção de um capítulo dedicado à Linguística Centrada no Uso (doravante LCU) nas obras de introdução à LC.

A propósito, a teoria baseada no uso constitui um modelo de abordagem que evoluiu a partir do Funcionalismo desenvolvido na Costa Oeste norte-americana (Bybee, 2016). Se por um lado, parte deste grupo, dentre eles Hopper, Thompson e Givón, seguem produtivos na perspectiva de análise iniciada na década de 1970; por outro lado, membros como Bybee e Cruft buscam estabelecer uma conexão entre a versão clássica do Funcionalismo norte-americano e o aparato teórico que busca descrever o funcionamento linguístico a partir da noção de construção gramatical, isto é, a Gramática de Construções, originada no seio da LC. Dessa associação, nasce a Gramática de Construções Baseada no Uso (Pinheiro; Ferrari, 2020).

No Brasil, Martelotta (2011) foi quem primeiro utilizou a denominação Linguística Centrada no Uso, sendo de autoria do grupo Discurso & Gramática da Universidade Federal Fluminense a inserção do adjetivo funcional, resultado em Linguística Funcional Centrada no Uso. Ainda sobre os pontos de interseção entre o a LF e a LC, Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 14) afirmam que:

Essas duas correntes compartilham vários pressupostos teórico-metodológicos, como rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e gramática, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação, o entendimento de que os dados para a análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural (Cunha; Bispo; Silva, 2013, p. 14).

Portanto, sem pretensões de estabelecer o percurso histórico da LC, interessa saber que fizemos uso estratégico da afinidade existente entre essa corrente linguística e o Funcionalismo Linguístico, com vistas a empregar uma ferramenta analítica cognitiva que nos proporcionasse *insights* mais abrangentes sobre os usos das formas de tratamento pelos falantes valencianos. Como sabemos, devido à grande quantidade de fatores que atuam sobre o sistema, potencializando a escolha de uma forma linguística ou outra, determinar quais variáveis condicionam o uso linguístico não é uma tarefa fácil. Nesse sentido, é preciso reconhecer que nem sempre os falantes seguem uma norma linguística determinada pela comunidade de fala da qual fazem parte, mas, por outro lado, empreendem um uso criativo da língua.

É consenso bem estabelecido que a cognição humana tem como parte integrante a linguagem. Um dos principais fundamentos da LC reside no fato de que a língua não poder ser estudada sem se levar em consideração suas funções cognitivas e comunicativas, o que justifica o seu enfoque baseado no uso (Cuenca; Hilferty, 1999). Nesse sentido, a LC também se preocupa em compreender as funções e o uso linguístico, inserindo-se na variada e abrangente tradição funcionalista (Langacker, 2007). Desse modo, embora conscientes de que esses dois paradigmas também apresentam aspectos analíticos de difícil conciliação, a atenção dada à cognição, que é central na LC, está também presente em alguns linguistas funcionais, como Givón (Nuyts, 2007).

Para a LC, a linguagem é revestida de um caráter simbólico cuja função primária é a de significar. Uma de suas premissas consiste no entendimento da gramática como conceitualização. Nesse sentido, todos os elementos gramaticais pressupõem uma base simbólica subjacente, isto é, representam conceitos e significados específicos. A tarefa da gramática seria, portanto, a de estruturar e simbolizar esse conteúdo conceitual (Croft, 1990). Assim, recorreremos a uma operação de conceitualização desenvolvida por Langacker (1987, 1991, 2008), que se refere às diferentes maneiras de conceitualizar uma situação, a saber, o princípio de proeminência.

Assim como as diferenças estabelecidas no uso das formas *tú* e *usted* em espanhol, evidentemente as línguas manifestam diversas outras situações em que ocorrem assimetrias entre os elementos linguísticos. Ao entendermos significado como conceitualização, esses modos alternativos de conceitualizar uma expressão envolvem o que Silva (2008) denomina de **perspectivação conceptual**, uma tradução proposta do termo “construal” em inglês. Desse modo, o princípio de proeminência constitui uma das operações de perspectivação conceptual, elaborada por Langacker (2008) no contexto da LC.

Cada unidade linguística possui um sentido associado. A propósito, esse constitui um dos princípios da LC. Segundo Silva (2008), o significado de uma expressão não se restringe apenas ao conteúdo conceitual que ela veicula, mas também inclui a perspectiva a partir da qual esse conteúdo é construído. Ao nos concentrarmos nas formas *tú* e *usted*, reconhecemos que elas se referem ao mesmo fenômeno, isto é, à expressão da segunda pessoa do singular. No entanto, o seu uso implica sempre uma escolha, pois elas se mostram semanticamente diferentes porque refletem distintas conceitualizações. Desse modo, de acordo com Ferrari (2011, p. 63), “expressões que envolvem o mesmo conteúdo conceitual podem apresentar significados diferentes em função do grau de proeminência com o qual os elementos são codificados em determinada situação”. A autora oferece o seguinte exemplo:

(1) João viu um animal na estrada.

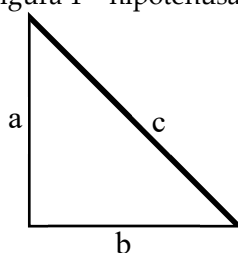
Conforme podemos observar em (1), “João” desempenha a função de sujeito, o que implica que, considerando o grau de proeminência, “João” é mais proeminente do que “um animal”. Por outro lado, se o falante construísse a frase invertendo os participantes desse evento, como em “Um animal foi visto na estrada por João”, “um animal” assumiria a posição mais proeminente na frase, enquanto “João” ocuparia uma função sintática menos proeminente.

Langacker (2008) descreve dois tipos de proeminências essenciais para a descrição gramatical. São os alinhamentos assimétricos: perfil/base e trajetor/marco (tradução para *trajector/landmark*). O primeiro tipo constitui uma operação de perspectivização conceitual muito importante para a significação de uma expressão. O segundo tipo, assim como o anterior, é um processo análogo à dicotomia figura e fundo, popular nos estudos da Psicologia Gestaltista e que é retomada no Funcionalismo por Hopper e Thompson (1980), assim como por Langacker (1987, 1991, 2008), na Linguística Cognitiva.

Conforme Ferrari (2011, p. 63), a assimetria perfil/base “é um tipo de construção do significado que consiste no recorte conceptual de uma expressão em uma base conceptual mais ampla”. Dito de outra forma, cada expressão é composta por um perfil e uma base. A base de uma expressão é o seu domínio. Nesse sentido, a ação de perfilar, “profiling”, em Langacker (2008), ocorre quando o significado de uma expressão destaca ou delimita uma subestrutura dentro de uma estrutura mais abrangente. Essa subestrutura é o que o autor denomina como perfil, é o que é designado pela expressão, recebendo consequentemente destaque dentro de sua base (Langacker, 1991).

Langacker (1991) cita como exemplo a palavra *hipotenusa*, ilustrando-a com a figura abaixo:

Figura 1 – hipotenusa;



Fonte: adaptado de Langacker (1991).

A palavra **hipotenusa** remete-nos ao conceito de triângulo retângulo, que é o seu domínio, isto é, a sua base. No entanto, esse termo não perfila, ou seja, não designa triângulo retângulo. O foco de atenção que a expressão designa recai sobre o lado mais

longo de um triângulo retângulo (c), que é oposto ao ângulo reto formado pelo cateto oposto e adjacente (lados a e b). Desse modo, o seu perfil pode ser ilustrado pela linha mais grossa na figura acima.

Outro exemplo citado pelo autor é a palavra *tio*. Sua base conceptual é “um conjunto de indivíduos com relações de parentesco”. Nesse domínio, encontram-se outras subestruturas, como “pai, mãe, irmão etc.”, que não perfilam o mesmo valor de *tio* devido a possuírem significados diferentes. Desse modo, o significado de cada uma dessas subestruturas, ou perfis, é atribuído somente quando selecionadas dentro de sua base conceptual. É essa subestrutura que é responsável pela característica distintiva de proeminência (Langacker, 1991). Sendo assim, o significado de uma expressão não se encontra exclusivamente em sua base ou em seu perfil, mas na relação entre esses dois elementos.

No que se refere ao segundo tipo de proeminência, a saber, trajetor/marco, também é possível observar uma assimetria entre os participantes relacionais. Por um lado, o trajetor pode ser caracterizado como figura, ou seja, é o elemento principal ou focal de um evento, sob o qual se atribui especial proeminência. Por outro lado, a outra unidade saliente dessa relação é o marco (*landmark*), que é o ponto de referência a partir do qual se localiza o trajetor, o participante secundário, ou seja, o fundo (Langacker, 1987).

Silva (1997, p. 90-91) cita como exemplo as palavras **em cima** e **embaixo**. Ambas se referem ao mesmo conteúdo conceptual e designam a mesma relação de espaço. A diferença semântica entre esses dois participantes deve-se à forma como o trajetor e o marco são alinhados. Desse modo, se tomamos como perspectiva “X está em cima de Y”, Y é perfilado como o marco a partir do qual localizamos X, o trajetor. Por outro lado, se a perspectiva for a de “Y está embaixo de X”, X serve como marco para a localização de Y (trajetor). Segundo o autor, o fato de frases como “A casa está em frente do carro” serem pouco convencionais em detrimento de “O carro está em frente

da casa”, evidencia a estabilidade e abrangência do elemento marco na composição de uma cena.

No tocante à temática desta pesquisa, baseados em Serrano (2018), acreditamos que a perspectivação conceptual das formas de tratamento em análise revela distintos níveis de proeminência. Dessa forma buscamos relacionar a noção cognitiva de proeminência com as ocorrências das formas *tú* e *usted* através da análise da função sintática que esses pronomes codificam no discurso.

4 As formas de tratamento no espanhol peninsular

Ao tratar das formas pronominais de tratamento do espanhol peninsular, Fontanella de Weinberg (1999) assevera que o sistema utilizado na maior parte da Espanha, é relativamente equilibrado. Carricaburo (1997), por sua vez, esboça um sistema semelhante ao da supracitada pesquisadora. Em nossa pesquisa, optamos pelo quadro proposto por Fontanella de Weinberg (1999), visto que a autora também inclui o paradigma pronominal (reflexivos, possessivos etc.) dessas formas².

No quadro abaixo, referente ao sistema I, podemos notar a presença de duas formas para o singular, *tú* e *usted*, e duas formas para o plural, *vosotros(as)* e *ustedes*. Os pronomes *Tú/vosotros(as)* são utilizados em situação de familiaridade entre os interlocutores, enquanto *usted/ustedes* são empregados em contextos comunicativos mais formais. Desse modo, dentre os sistemas de tratamento do mundo hispânico, somente o sistema I utiliza duas formas no plural, considerando a distinção de familiaridade ou formalidade. No entanto, como mencionamos anteriormente em relação ao espanhol americano, essa distinção não é mantida, sendo a forma *ustedes* utilizada tanto para situações de familiaridade e formalidade. Vejamos a seguir esses sistemas:

² Ressaltamos que consideraremos esses pronomes para fins de análise qualitativa, mas, conforme evidenciado em nossa metodologia, servir-nos-ão, somente os pronomes que ocupem a posição de sujeito e de objeto.

Quadro 1 – Sistema pronominal de tratamento na Espanha.

Relação entre os interlocutores	Sistema I		Sistema II	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Confiança	<i>Tú</i>	<i>vosotros/as</i>	<i>Tú</i>	<i>Ustedes</i>
Formalidade	<i>Usted</i>	<i>ustedes</i>	<i>Usted</i>	

Fonte: adaptado de Fontanella de Weinberg (1999).

Quadro 2 – Paradigma pronominal do Sistema I.

Sujeito	Objeto	Reflexivo	Tônicos	Possessivo
<i>Tú</i>	<i>Te</i>	<i>Te</i>	<i>ti/contigo</i>	<i>tu/s ~ tuyo/a/os/as</i>
<i>Usted</i>	<i>lo/la/le</i>	<i>Se</i>	<i>Usted</i>	<i>su/s ~ suyo/a/os/as</i>
<i>Vosotros</i>	<i>Os</i>	<i>Os</i>	<i>Vosotros</i>	<i>vuestro/a/os/as</i>
<i>Ustedes</i>	<i>los/las/les</i>	<i>Se</i>	<i>Ustedes</i>	<i>su/s ~ suyo/a/os/as</i>

Fonte: adaptado de Fontanella de Weinberg (1999).

Quadro 3 – Paradigma pronominal do Sistema II.

Sujeito	Objeto	Reflexivo	Tônicos	Possessivo
<i>Usted</i>	<i>lo/la/le</i>	<i>Se</i>	<i>Usted</i>	<i>su/s ~ suyo/a/os/as</i>
<i>Ustedes</i>	<i>los/las/les</i>	<i>Se</i>	<i>ustedes</i>	<i>su/s ~ suyo/a/os/as</i> (<i>vuestro/a/os/as – de ustedes</i>)

Fonte: adaptado de Fontanella de Weinberg (1999).

No que diz respeito à forma *vosotros*, Calderón Campos (2010a) afirma que a sua existência forma persiste com todo o seu paradigma verbal e pronominal em grande parte da Espanha, exceto na região de Canarias e na Andaluzia Ocidental.

Em relação ao sistema I, Carricaburo (1997) explicita um novo direcionamento no tratamento de segunda pessoa em Madri e em outras zonas urbanas da zona castelhana, com relações assimétricas evoluindo para relações mais simétricas. Nesse percurso, o *tuteo* figura nas relações de solidariedade informal e *ustedeo* (uso de *usted* e

ustedes) aparece em contextos âmbito da formalidade. Sobre essa questão, a autora assevera que o primeiro tipo de relação tem se sobreposto ao segundo, principalmente no âmbito familiar, entre jovens ou com profissionais que compartilham as atividades e que exercem as mesmas profissões.

No tocante ao uso das formas de objeto, *lo/los*, *la/las* e *le/les*, também, existem variações nas regiões que utilizam o sistema I. Em espanhol, conforme a RAE (2009), ao nos referirmos ao objeto direto, devemos utilizar *lo/los* ou *la/las*, a depender do objeto. *Le* e *les*, por sua vez, figuram como objeto indireto. Por outro lado, na interação verbal, o uso feito desses pronomes nem sempre reflete os postulados da gramática prescritiva³. Por exemplo, de acordo com Gómez Torrego (2011) e Moreno-Fernández (2020), muitos falantes usam a forma *la* como complemento indireto feminino (laísmo). Além disso, há o *loísmo* (uso de *lo* como complemento indireto masculino) e *leísmo* (uso de *le* como complemento direto).

No que toca ao sistema II, verificamos semelhanças com o sistema I no que diz respeito às formas no singular. Não obstante, o plural, segue o paradigma das formas presentes no sistema hispano-americano. Para Fontanella de Weinberg (1999), esse sistema é encontrado em algumas regiões da Península Ibérica, como na Andaluzia Ocidental, parte de Córdoba, Jaén e Granada. Fora da Península, encontra-se nas Ilhas Canarias. Nessa região, assim como no continente americano, o *ustedeo* prevalece, inclusive, muitos falantes desconhecem o uso de *vosotros*. Por outra parte, Medina López (2010) elenca estudos que identificaram a utilização desta forma de tratamento em algumas áreas rurais do arquipélago e, ainda, na ilha La Gomera.

Calderón Campos e Medina Morales (2010, p. 201) ponderam que, na Andaluzia Ocidental, apesar de a forma *ustedes* ser predominante, podemos identificar, principalmente nas camadas baixas dessa comunidade de fala, o uso de *ustedes* atrelado ao paradigma verbal de *vosotros*, como em *ustedes podéis*.

³ “Conjunto de normas que regulam os usos idiomáticos considerados bons e corretos” (Bagno, 2017, p. 169).

No que se refere ao uso dos pronomes de tratamento *tú* e *usted* nas variedades do espanhol peninsular, o primeiro estudo foi realizado na década de 60 por Jeremy Fox, que analisou o uso desses pronomes por estudantes de nove escolas em Madri. Fox (1969 *apud* Calderón Campos; Medina Morales, 2010) concluiu que o pronome *usted* era pouco usado para se referir a pessoas mais velhas, enquanto as classes trabalhadoras tinham um uso mais conservador e geralmente usavam esse pronome em tais contextos. Moreno Fernández (1986) também estudou o uso dos pronomes em uma comunidade rural de fala, em contraste com os estudos anteriores em comunidades urbanas.

Blas Arroyo (1994-1995) conduziu uma pesquisa com 231 informantes da comunidade de fala valenciana, a fim de investigar os usos de *tú* e *usted* e o fenômeno de cortesia em relações conversacionais em que a distância social entre os interlocutores era extrema. Os resultados indicaram que a variante *usted* foi a preferida nos contextos formais analisados, mas o uso significativo de *tú* não pode ser desprezado. Embora trabalhos anteriores atestassem o uso progressivo de *tú* em relações não formais, os dados da pesquisa parecem evidenciar uma mudança em outros contextos sociolinguísticos com o uso de *usted* não sendo restrito somente a contextos formais. Além disso, o pesquisador inovou com o método de coleta utilizado, ou seja, a observação sistemática, diferentemente de questionários e testes utilizados em estudos anteriores.

Há, também, a pesquisa realizada por Morín, Almeida e Rodríguez (2010), os quais, baseados na teoria do Poder e Solidariedade de Brown e Gilman (1960), procuraram averiguar as mudanças no sistema pronominal de tratamento na cidade de Las Palmas de Gran Canaria. Os autores constataram uma mudança nas relações assimétricas mediadas pelo poder, com os falantes mais jovens liderando o processo de mudança das relações assimétricas (*usted* - *tú*) para relações de solidariedade (*tú* - *tú*). Sanromán Vilas (2010) foi outra pesquisadora que investigou os fatores que influenciavam o uso de *tú* ou *usted* pelos falantes na cidade de Cádiz. Utilizando

também a teoria de Brown e Gilman (1960), a autora concluiu que a idade era a variável que mais afetava a escolha entre as duas formas de tratamento.

Aijón Oliva (2009), por sua vez, examinou a variação entre os pronomes *tú* e *usted* em estratégias de persuasão da publicidade em Salamanca e concluiu que a escolha entre as formas de tratamento depende de fatores como o perfil do consumidor e do publicitário responsável pela elaboração da publicidade.

Por fim, Lima (2018) analisou as formas de tratamento *tú* e *usted* também em Valência, na Espanha, e constatou que há um predomínio do uso de *tú* em relação a *usted* nessa comunidade de fala. Diversas variáveis influenciaram o uso dessas formas, como tipo de referente, tipo de frase, tipo de discurso, faixa etária e escolaridade. Os resultados indicaram uma mudança em curso em direção ao *tuteo*, com os mais jovens fazendo mais uso de *tú* e os mais velhos ainda utilizando mais a variante *usted*.

5 Metodologia

A amostra foi composta através de inquéritos que constitui o *corpus Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de Valencia* – PRESEVAL. Esse projeto integra outro grande projeto internacional chamado PRESEEA (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América*). Este, por sua vez, tem como objetivo a criação de um *corpus* sociolingüístico sincrônico da língua espanhola e, portanto, utiliza amostras de várias comunidades de fala monolíngues e bilingues. Essa grande rede de pesquisa é composta por, aproximadamente, mais de 40 equipes que têm auxiliado o trabalho de inúmeros pesquisadores e viabilizado a produção de vários livros, dissertações e teses⁴.

O principal objetivo do PRESEVAL é identificar as marcas características do espanhol falado em Valência, variedade dialetal utilizada pelos falantes autóctones ou

⁴ Para mais informações sobre o PRESEEA, recomendamos a página web do projeto no seguinte endereço eletrônico: <https://preseea.linguas.net>.

que residem há muito tempo⁵ nessa cidade e que têm consciência de que pertencem a essa comunidade de fala.

A amostra foi composta por 12 entrevistas que fazem parte do *corpus* PRESEVAL (*Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de València*). Essas entrevistas foram selecionadas considerando os seguintes fatores: idade (de 20 a 34 anos, de 35 a 54 anos e acima de 55 anos); sexo (masculino e feminino) e escolaridade (Ensino Fundamental e Ensino Superior).

O retrocitado *corpus* encontra-se totalmente coletado, pronto e publicado pela editora da Universitat de Valencia, o que se traduziu em economia de tempo e recursos em nossa pesquisa. Portanto, todas as etapas que envolvem a compilação de um corpus, como seleção dos informantes, coleta e transcrição não constituíram preocupação em nosso trabalho. Nossa tarefa inicial consistiu em, dentro desse universo, determinar o número de entrevistas a serem analisadas, eleger os informantes e realizar a coleta cuidadosa das ocorrências para este estudo.

Dado o caráter quali-quantitativo desta pesquisa, não submeteremos os nossos dados a análises estatísticas viabilizadas por *softwares* amplamente conhecidos em pesquisas linguísticas que lidam, por exemplo, com dados de variação e análises multivariadas. No entanto, ao realizarmos quantificação dos dados, a fim de garantirmos maior precisão e minimizarmos possíveis erros, recorreremos ao *software* ATLAS/ti, uma ferramenta que oferece suporte à interpretação de textos em pesquisas qualitativas. Além disso, tendo em vista que palavras que são frequentemente usadas tendem a sofrer mudança mais rapidamente do que as palavras menos frequentes (Bybee, 2003), o percentual de frequência dos pronomes em estudo será fundamental para embasar as análises conduzidas.

⁵ Para os não nativos, o requisito era ter chegado a essa área geográfica antes dos 10 anos de idade e residir no mínimo 15 anos desde que sua origem linguística não fosse marcadamente diferente (Gómez Molina, 2001, 2005 e 2007).

O programa ATLAS/ti foi desenvolvido em 1989 por Thomas Muhr, na Technical University of Berlin, Alemanha. Trata-se de um recurso metodológico amplamente utilizado em diversas pesquisas qualitativas devido a sua facilidade de manuseio e a possibilidade de se trabalhar com um volume grande de textos, incluindo entrevista, relatórios, textos jornalísticos, literários e outros. Ademais, o programa também suporta a análise de imagens, áudios, vídeos, dentre outras possibilidades. Segundo Muhr (1991), o objetivo do software é auxiliar a interpretação humana, em especial o manuseio de estruturas informacionais complexas. Embora o programa ofereça uma gama de ferramentas, Muhr (1991) explica que há algumas limitações. Por exemplo, não são incluídos métodos estatísticos quantitativos ou métodos quantitativos de análise de conteúdo. Os aspectos quantitativos presentes são usados apenas para organizar e exibir diferentes tipos de informações de modo mais eficaz. O autor sugere que, para análises quantitativas mais elaboradas, os dados podem ser exportados para serem submetidos a outros *softwares* mais apropriados para essa finalidade.

Conforme se pode perceber, o ATLAS/ti é uma importante ferramenta que contribui para a organização da amostra pelo pesquisador. As categorizações e as interpretações resultantes são de responsabilidade deste, uma vez que o objetivo do programa é auxiliar na relação entre a expertise humana e o tratamento dos dados. Desse modo, após a seleção e a cuidadosa verificação das ocorrências das formas em questão, submetemos as entrevistas elencadas ao programa, categorizamos os dados e, posteriormente, obtivemos o número total desses pronomes e sua frequência de uso.

Na fase de coleta dos dados, realizamos uma verificação minuciosa dos contextos em que as formas de tratamento *tú* e *usted* ocorrem com o objetivo de identificarmos e removermos quaisquer dados que pudessem afetar negativamente a análise empreendida. Sendo assim, relacionamos abaixo os casos específicos desconsiderados, seguidos de respectivos exemplos:

(a) As formas de tratamento *tú* e *usted* e respectivos paradigmas pronominais em ocorrência na fala do entrevistador, uma vez que o nosso objetivo é analisar a fala do entrevistado e, além disso, supomos que a fala do entrevistador seja mais monitorada.

(2) muy bien// ¿tú has hecho el servicio militar o no? (ENTREVISTA 02 – VAL00232HC96).

(3) ¿yy usted piensa que eso e un problema/ de cultura/ nuestro?/ (ENTREVISTA 22 – VAL02232MB00).

b) Registro de pronomes repetidos contíguos, acompanhados de um único e mesmo verbo.

(4) tee- te llamaba la atención yy- y te hacía poner la mano para- pa(ra) pegarte con la vara (risas)// (ENTREVISTA 02 - VAL00231HC96).

c) Ocorrências de pronomes empregados de forma isolada, sem a presença de um verbo de que pudessem ser sujeitos.

(5) TODAS LAS MUJERES SON MUY ESPABILADAS Y TODAS INTUYEN// yy- pero nada/ hay que insistir en que no se preocupe que/ usted de- de momento como mucho le puedo decir si ee hemos visto un nódulo/ pero no tiene que ser maligno/ (ENTREVISTA 22 – VAL02232MB00).

d) Ocorrências que nos geraram dúvida quanto à referência utilizada. Por exemplo, o excerto abaixo foi extraído de uma entrevista em que a informante alterna o uso entre *tú* e *usted* em determinado momento.

(6) prefiero la ciudad/// bueno con sus- con sus pegas ¿no?/ porque/ tiene muchas cosas/ tú tien- tiene muchas cosas más que el pueblo/ el pueblo tiene tranquilidad/ no tienes agobio/ (ENTREVISTA 14 - VAL01431MC99).

6 Descrição e análise dos dados

Após uma análise minuciosa dos inquéritos e posterior categorização na plataforma ATLAS/ti o programa nos retornou um total de 597 dados referentes às ocorrências de *tú* e *usted* e respectivos paradigmas. Reiteramos que consideramos manifestações explícitas e implícitas dessas formas, conforme justificativas expressas

na seção relativa aos procedimentos metodológicos. Do quantitativo mencionado, obtivemos um número bastante expressivo da forma *tú* na função de sujeito e objeto. Foram 522 dessas formas enquanto o pronome *usted*, e seu paradigma, apresentou apenas 75 dados do quantitativo total.

Embora os estudos sobre as formas de tratamento tendem majoritariamente à análise das formas *tú* e *usted* em função de sujeito e pouco se tenha falado sobre suas formas pronominais na posição de objeto (Serrano, 2018), as considerações aduzidas sobre essas funções enquanto variáveis de controle não são muitas. Em outras palavras, apesar de existir inúmeros trabalhos que estudam esses pronomes em relação a sua função sintática, apenas como forma de se referir ao objeto, pouca atenção tem sido dada ao seu papel como motivação ou fator que condiciona a variação.

Desse modo, devido a essa limitação na análise, ou, no dizer de Serrano (2018), o pouco valor atribuído às diferentes interpretações e significados que podem emergir dessas funções sintáticas, decidimos abordá-la em nosso estudo. Acreditamos que, ao analisarmos as formas *tú* e *usted* a partir dessa perspectiva, poderemos entender melhor como elas se encaixam na estrutura gramatical e como contribuem, no discurso, para o alcance dos propósitos comunicativos dos falantes.

A partir dos resultados obtidos através da organização e quantificação possibilitadas pelo *software* anteriormente mencionados, podemos observar dados bastante interessantes que estão alinhados com nossas perspectivas iniciais. Das ocorrências totais exibidas anteriormente, 424 correspondem às formas *tú* e *usted* em função de sujeito. Por outro lado, registramos conjuntamente 173 usos das formas *te*, *a ti*, *le*, *a usted*. A tabela a seguir apresenta os resultados alcançados:

Tabela 1 – Ocorrências das formas *tú* e *usted* e respectivos paradigmas em função de sujeito pronominal e objeto de pessoa.

	Sujeito	%	Objeto	%
<i>tú, te, a ti</i>	384	64.3	138	23.1
<i>usted, le, a usted</i>	40	6.7	35	5.9
Total	424		173	

Fonte: elaborada pelo próprio autor.

Aqui, pretendemos tecer alguns comentários importantes sobre o trabalho de Serrano (2018), tendo em vista ser a única pesquisa encontrada que adota uma perspectiva de análise similar à que empregamos nesta seção e que tomamos como ponto de partida para analisar as formas pronominais, considerando o fator em questão. Dito isso, Serrano (2018) realizou uma análise das mesmas formas e funções sintáticas utilizando o *Corpus Conversacional de Canarias*, o qual é composto por diferentes gêneros discursivos oriundos dos meios de comunicação e contém um total de 171.258 palavras. Além disso, a autora considerou fatores como idade, distância social, respeito etc., embora apenas para fins qualitativos.

Os resultados obtidos pela autora diferem quantitativamente dos nossos. Para as formas *tú* e *usted* em função de sujeito, foram encontradas 517 ocorrências, enquanto como objeto foram registradas 563 ocorrências. À primeira vista, os dados indicam que não há preferência entre o uso de uma forma ou outra, com exceção de um leve aumento nas formas em função de sujeito e objeto do paradigma de *tú*. Especificamente, *tú* como sujeito ocorreu 227 (43.4%) casos, enquanto *usted* ocorreu em 290 (53.1%). Na posição de objeto, as formas *te, a ti* tiveram 296 ocorrências (56.6%) e *le, lo, la*, 267 (47.9%) ocorrências.

No que diz respeito aos nossos resultados, não podemos afirmar que não houve especialização no uso das formas relativas a *tú* e a *usted*. As ocorrências das primeiras formas foram substancialmente maiores que as da segunda, especificamente 522 em detrimento de 75 dados. Ponderamos que a diferença no tipo de *corpus* analisado possa

ser um fator que influencia esses resultados. Trabalhamos com um *corpus* oral em que há um registro mais espontâneo e natural, que não exige muita planificação. Por outro lado, Serrano (2018) utilizou gêneros midiáticos, como informativos, informativos-debate, magazines etc.

Conforme Briz Gómez (1998), o texto escrito carrega sempre um grau maior de formalidade. Há de se considerar ainda que o publicitário responsável pelo texto precisa pensar no público-alvo para alcançar o efeito desejado (Aijón Oliva, 2009). Desse modo, esses fatores podem ter influenciado o número expressivo de formas do paradigma *usted* nos resultados da autora. Como comprovação do que afirmamos, Serrano (2018) menciona um uso expressivo de *usted* nos textos do tipo informativo-debate. Nesse tipo de texto, a autora explica que se conjuga a divulgação de informações e o debate de opiniões sobre temas da atualidade. Sabemos que esse tipo de situação envolve um maior esforço cognitivo do falante e, dependendo da temática debatida, um tema pode ser mais ou menos complexo, exigindo, portanto, um maior monitoramento e planejamento do discurso.

Analogamente, a forma *usted* emergiu em nossa amostra em contextos nos que o falante precisava opinar sobre um determinado tema. As entrevistas do PRESEVAL foram organizadas com o objetivo de contemplar grupos temáticos que possibilitassem o surgimento de diferentes sequências textuais. No que se refere à sequência argumentativa, os temas desenvolvidos abordaram temas como problemas sociais atuais, conflitos geracionais, vantagens e inconvenientes do serviço militar, problemas da juventude atual, massificação universitária, imigração, persuasão aos filhos sobre drogas, cigarro e bebidas, segurança, insegurança cidadã.

A modo de exemplificação, gostaríamos de destacar uma passagem na qual o informante é indagado pelo entrevistador sobre a sua opinião em relação à obrigatoriedade do serviço militar. É importante ressaltarmos que o tratamento utilizado entre os dois foi sempre simétrico e solidário, isto é, ambos utilizaram a forma *tú*. Além disso, as estratégias de impessoalização ou generalização do referente foi

majoritariamente feita também com a forma anteriormente mencionada. Dado o fato de que o falante apresentou uma fala inicialmente pouco articulada, parece-nos que o tema não é de fácil elaboração para ele e possui um certo grau de complexidade. Observemos:

(7) [sí]// es un tema- ese es un tema .. interesante porque/ el- el por ejemplo bueno/ frente a eso ¿qué? ¿no? [...] hay una- ahí sí que hay una especie de melanch/ de- de- dee- de mezcla de- de- dee- de diferentes intereses valores/ ee puntos de vista ¿no?/ entonces hay desde posiciones// perfectamente defendibles de decir bueno/ yo pienso que/ ee/ pues no sé// el Estado no debe hacer ninguna obligación dee- de tanto militar o civil/ respecto aa mi vida// pero claro para ser coherente con eso/ entonces hay que darle también la vuelta y decir bueno pues entonces el Estado tampoco tiene que hacer nada por usted/ (ENTREVISTA 03 – VAL00332HC97).

No âmbito de textos opinativos, Serrano (2018) justifica que o uso de *usted* em vez de *tú* permite indexar o referente de forma mais objetiva em um contexto de interação em que se busca expor as ideias de forma confiável, séria e personalizada. Por se tratar de um tema aparentemente complexo para o falante, o momento inicial de hesitação revela um esforço cognitivo no sentido de apresentar uma opinião consistente, embasada e confiável. O informante parece construir essa imagem através da interação idealizada, visto que as falas reportadas não apresentam marcas através das quais possamos saber com segurança se se trata de um referente concreto no mundo real.

Portanto, a forma *usted* codifica um interlocutor que é foco de atenção, construído a partir de uma perspectivação objetiva máxima (Langacker, 2008), em um contexto que envolve posicionamento frente a uma temática complexa. Esta última pode ser bastante determinante para a frequência de uso da variante em questão. Em Lima (2018), controlamos a temática das entrevistas em termos de grau de complexidade. Dentre os oitos grupo de fatores considerados significativos, a complexidade do assunto ocupou o terceiro lugar. De fato, o contexto de assuntos mais

complexos se mostra favorável ao uso de *usted* em comparação aos assuntos menos complexos, que tendem ao uso de *tú*. Assuntos não experienciados pelo falante supõem um maior monitoramento de fala. No exemplo (7), o informante afirma nunca ter cumprido o serviço militar, sendo assim, parece ter pouca familiaridade com o tema.

Retomando os resultados apresentados, esperávamos que as formas em função de sujeito fossem mais utilizadas na indexação dos referentes. Conforme podemos observar na tabela, as formas *tú* e *usted* correspondem a 424 ocorrências do total, o que as torna mais proeminentes do que suas formas na função de objeto. No entanto, é importante notar que *usted* teve apenas um ligeiro aumento em relação as suas formas em função de objeto. Ademais, seguindo o *continuum* de proeminência de pessoa gramatical proposto por Serrano (2018), *tú* em função de sujeito é ainda mais proeminente que *usted*. Dessa forma, confirmamos a nossa expectativa inicial.

A seguir, exibimos um trecho em que o uso da forma *tú* em função de sujeito referência o interlocutor de maneira clara e direta. Nesse excerto, o informante relata os problemas que tem a juventude e utiliza uma fala reportada própria. Também chamamos a atenção para o uso da forma tônica acompanhada de preposição *a ti* junto à forma átona *te*. Seguindo a Serrano (2018), a forma *a ti* confere proeminência ao pronome *te*:

(8) es que NO piensan en lo que están haciendo/ hacen las cosas/ pues llevados por la corriente/ llevados por la moda// porue muchas veces yo he pregunta(d)o bueno/ ¿tú por qué llevas esos pantalones?// noo sii/ es que son los que se llevan// bueno/ pero a ti te gustarán o no te gustarán ¿no?// síi// (ENTREVISTA 02 - VAL00231HC96).

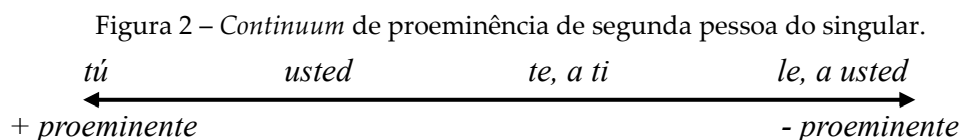
Os dados também estão em conformidade com a tendência em várias variedades do espanhol, que identificam a forma *tú* como menos marcada. Essa observação está de acordo com a teoria funcionalista, a qual estabelece que formas menos marcadas são aquelas que possuem maior frequência de ocorrência, em

contexto de ocorrências mais amplo e possuem uma estrutura mais simples ou menor (Givón, 1995, 2001). Nesse sentido, a forma *tú* foi amplamente utilizada em relação a todas as outras formas analisadas. Além disso, seu uso ocorre em diversos contextos (Cf. Lima, 2018) e é menor que a sua variante *usted*. Por sua vez, a forma *usted* é mais marcada e apresenta maior complexidade estrutural e cognitiva.

É imperioso notar ainda que, relativo às formas em função de objeto, os pronomes que compõe o paradigma de *tú* nessa função tiveram uma ocorrência consideravelmente maior que as formas *le* e *a usted*. Esses dados sugerem que, como afirmamos, a forma pronominal de complemento verbal *te* constrói o referente de modo mais direto e claro que as formas de *usted*. Consideremos o seguinte excerto extraído do *corpus*, no qual a informante narra um episódio na ocasião da sua primeira comunhão, isto é, o fato de ela não ter recebido nenhum presente:

(9) QUÉE VA!/ si allí no te daban NÁ(da)/ allí no te daban ni los buenos días// ¿no te digo yo?// yo no me acuerdo de tener un regalo/ hablo en serio ¿eh?/ pero nada de nada/ y mira que había gente ¿eh?// pero no me acuerdo yo dee- de que me regalasen nada/// no/ no// pues no me darían (ENTREVISTA 11 - VAL01112MC02).

A partir dos dados evidenciados pela nossa pesquisa, ilustramos o *continuum* de proeminência das formas em análise da seguinte forma:



Fonte: elaborada pelo próprio autor.

Serrano (2018) argumenta que o tratamento interpessoal é uma decisão que não se limita a valorizar apenas o interlocutor, mas também quem o adota. Nesse sentido, os falantes utilizam a linguagem para moldarem a forma como são vistos ou desejam ser percebidos pelos outros. Considerando que as entrevistas foram conduzidas por

um professor do Departamento de Filologia Espanhola da Universidade de Valência em seu escritório, é possível que, em alguns casos, a forma *usted*, por exemplo, tenha emergido como uma estratégia para construir a própria identidade em um ambiente que, a princípio, se supõe mais formal.

Como exemplo, em três situações específicas os informantes iniciam a entrevista com um tratamento assimétrico. O entrevistador usa *tú* e recebe *usted* dos entrevistados. No entanto, em algum momento da entrevista, seja no início ou na metade, os informantes alternam o uso para um tratamento simétrico solidário baseado no *tú*, conforme podemos apreciar nos exemplos (10) e (11). No primeiro, ao descrever seu apartamento a pedido do entrevistador, a informante faz uso de *usted* implícito ao se desculpar por ter se equivocado ao informar onde morou primeiramente. Mais adiante, em direção à metade da entrevista, ela alterna para o uso de *tú* na forma de objeto *te* ao opinar sobre a cultura juvenil espanhola de visitar vários bares em uma só noite. Observemos:

(10) bueno el piso ee/ donde yo viví- he vivido/ bueno viví los dos primeros años en un piso alquilado con otras/ con mii bueno/ con mii her- no primero viví en casa de mi tía Ø perdone// y después he vivido en- en pisos/ (ENTREVISTA 14 – VAL01431MC99).

(11) yo- yo ya te he dicho/ que yo sólo voy a dos o tres sitios (risas). Porque me agobia eso/ pero a lo mejor cuando tienes veinte años o cuando tienes dieciocho o diecinueve años pues/ ¡ay! de aquí ... de un sitio para el otro/ (ENTREVISTA 14 – VAL01431MC99).

Dessa forma, muitas explicações têm sido propostas para os usos variáveis das formas de tratamento em espanhol, com base apenas na dicotomia poder e solidariedade de Brown e Gilman (1960). No entanto, é possível argumentar que essa teoria por si só não é suficiente para uma compreensão completa da complexa dinâmica de uso que envolve esses pronomes. De fato, esses elementos são conceitos dinâmicos e não fatores fixos que determinam um tratamento categórico (Blas Arroyo,

1994). O exemplo citado anteriormente é uma prova de que os papéis são constantemente (re)negociados e (re)configurados durante a interação. Além disso, existem vários fatores que podem favorecer essa alternância. O tratamento inicial selecionado pela entrevistada pode estar relacionado, por exemplo, com uma questão de cortesia linguística, sendo posteriormente alterado para *tú* devido às mudanças sociais experimentadas pela sociedade espanhola, que legitimam essa modificação.

Serrano (2018), por exemplo, sugere que em alguns contextos de uso específico, o falante tem a intenção de criar uma distância icônica com o referente perfilado pelos pronomes do paradigma de *usted*. Essa estratégia se mostra bastante oportuna em contexto em que se deseja realizar críticas ou repreensões, como no exemplo em (12). Nele, a informante, que trabalha em um lar para idosos, relata a situação em que repreende a filha de uma idosa quando esta se queixa que sua mãe deve estar com dentadura quando a visita.

(12) no/ que son cosas que- muy tontas/ cosas que a veces a la familia hay que cogerla y matarla/ pero ¡vamos! (risas)/ porque viene un día un- otra/ preguntando por la dentadura de su madre// digo (risas)/ ¿la dentadura de su mamá? en la mesita/ y dice es que yo cuando vengo los miércoles y los viernes a verla/ tiene que llevarla puesta digo ¡ay! ¿y eso por qué?/ dice es que si nos está muy fea/ digo pues mire yo si le voy a dar de comer se me puede ahogar/ como usted comprenderá// pues cuando yo venga que la tenga puesta/ digo ¡mire! en la mesita está// coja usted y Ø póngasela// porque dentro de cinco minutos yo se la voy a quitar/// así que cuando usted quiera/ Ø puede venir a la hora que Ø quiera/ le cuesta poco ponérsela/ ¡ah yo no!/ ¡pues yo tampoco! (risas) (ENTREVISTA 14 – VAL01413MC03).

No excerto acima, o uso da forma *usted* em função de sujeito é preponderante, tornando-a mais proeminente na representação do referente. Por outro lado, sua forma na função de objeto é menos proeminente, perfilando o referente com menos destaque e ênfase. Nos termos de Serrano (2018), a função de sujeito constrói o referente de modo mais definido e perceptível que a função de objeto.

7 Considerações finais

A partir do que foi exposto, no decorrer deste artigo, verificamos que, na coleta dos dados, obteve-se um total de 597 registros de *tú* e *usted* e respectivos paradigmas. Desse total, o uso da forma *tú* na função de sujeito e objeto foi predominante. Por outro lado, o pronome *usted*, e seu paradigma, apresentou apenas 76 dados do quantitativo total supracitado, corroborando, assim, a preferência de uso da forma *tú* evidenciada em Lima (2018) na comunidade de fala valenciana.

No que se refere ao princípio de proeminência, observou-se os pronomes em sua função de sujeito demonstraram ser mais proeminentes que suas respectivas formas em função de objeto. Considerando um *continuum* de proeminência, a forma *tú* ocupa o primeiro lugar numa escala de mais proeminente a menos proeminente, seguido da forma *usted*, *te*, *a ti*, *le*, *a usted*, nessa ordem. Assim, as formas de segunda pessoa do singular em função de sujeito constroem o referente de modo mais claro e direto que as formas em função de objeto.

À guisa de conclusão, podemos perceber que a função sintática sujeito e objeto dos pronomes *tú* e *usted* estão associadas ao grau de proeminência, evidenciando diferentes formas de construção do significado a partir da seleção de uma forma ou outra. Esses usos demonstram claramente que os falantes fazem um uso criativo da linguagem, e que tais escolhas não dependem somente da aplicação estrita de categorias fixas. É necessário levar em consideração fatores e elementos textuais, linguísticos e cognitivos presentes no contexto em que o discurso ocorre.

Referências

- AIJÓN OLIVA, M. A. Tú y usted como estrategias de estilo y persuasión en la comunicación publicitaria. **Revista Electrónica de Estudios Filológicos**, Murcia, n. 18, dez. 2009.
- BAGNO, M. **Dicionário crítico de sociolinguística**. São Paulo: Parábola editorial, 2017.

BERTOLOTTI, V. **A mí de vos no me trata ni usted ni nadie**: sistemas e historias de las formas de tratamiento en la lengua española en América. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2015.

BLAS ARROYO, J. L. Tú y usted: dos pronombres de cortesía en el español actual. Datos de una comunidad peninsular. *E.L.U.A.*, n. 10, p. 21-44. 1994-1995. DOI <https://doi.org/10.14198/ELUA1994-1995.10.02>

BRIZ GÓMEZ, A. **El español coloquial en la conversación**. 1. ed. Barcelona: Editorial Ariel, S.A, 1998.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. *In*: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (ed.) **Sociolinguistics. The Essential Readings**. United Kingdom: Blackwell, 2003 [1960]. p. 156-176.

BYBEE, J. L. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. *In*: JANDA, R. D.; BRIAN, D. J. (org.). **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2003. p. 602-623. DOI <https://doi.org/10.1002/9780470756393.ch19>

BYBEE, J. L. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CALDERÓN CAMPOS, M.; MEDINA MORALES, F. Historia y situación actual de los pronombres de tratamiento en el español peninsular. *In*: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (org.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 195-222.

CARRICABURO, N. **Las fórmulas de tratamiento en el español actual**. Madrid: Arco Libros, S.A., 1997. (Cuadernos de Lengua Española).

CROFT, W. **Typology and universals**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

CUENCA, M. J.; HILFERTY, J. **Introducción a la lingüística cognitiva**. 1. ed. Barcelona: Editorial Ariel, S. A., 1999.

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. **Linguística funcional centrada no uso**: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CUNHA, M. A. F.; CEZARIO, M. (org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. 1. ed. Rio de Janeiro: Faperj, 2013. p. 13-39.

CUNHA, M. A. F. Funcionalismo. *In*: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 157-192.

FERRARI, L. V. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. Sistemas pronominales de tratamiento usados en el mundo hispano. *In*: BOSQUE, I; DEMONTE, V. (org.). **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa, 1999. v. 1, p. 1300-1425.

GIVÓN, T. **Verbal inflections: tense, aspect, modality and negation**. v. 1, v. 2, Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 1995.

GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. v.1. Amsterdam: John Benjamins, 2001. DOI <https://benjamins.com/catalog/z.syn2.04rel>

GÓMEZ MOLINA, J. R. **El español hablado de Valencia: Materiales para su estudio I. Nivel sociocultural alto**. Valência: Universitat de València, 2001.

GÓMEZ MOLINA, J. R. **El español hablado de Valencia: Materiales para su estudio II. Nivel sociocultural medio**. Valência: Universitat de València, 2005.

GÓMEZ MOLINA, J. R. **El español hablado de Valencia: Materiales para su estudio III. Nivel sociocultural bajo**. Valência: Universitat de València, 2007.

GÓMEZ TORREGO, L. **Gramática didáctica del español**. 10^o ed. Madrid: Arco Libros, 2011.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar I: Theoretical Prerequisites**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. **Concept, image, and symbol: the cognitive basis of grammar**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1991. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110857733.bm>

LANGACKER, R. W. Cognitive grammar. *In*: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.). **The Oxford handbook of cognitive linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007. p. 421-462.

LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar**. A basic introduction. New York: Oxford University Press, 2008. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195331967.001.0001>

LIMA, J. V. M. **Análise socioestilística da variação entre as formas de tratamento *tú* e *usted* no espanhol oral de Valência**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

LIMA, J. V. M.; COAN, M.; PONTES, V. O. Variação entre as formas de tratamento no espanhol oral de Valência. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 41, e47584, p. 1-11, 2019. DOI <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v41i2.48596>

LUDWIG, R. Lingüística funcional, teoría de la marcadez y español de América: el caso del habla chilena. **Boletín de Filología**, v. 35, n. 1, p. 275-316, 1995.

MARTELOTTA, M. **Mudança linguística: uma abordagem centrada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MEDINA LÓPEZ, J. Panorama sobre el estudio de las formas de tratamiento en el español de Canarias. In: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (org.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 225-245.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. 4. ed. Barcelona: Ariel Letras, 1986.

MORENO-FERNÁNDEZ, F. **Variedades de la lengua española**. New York: Routledge, 2020. DOI <https://doi.org/10.4324/9780429426988>

MORÍN, A.; ALMEIDA, M.; RODRÍGUEZ, J. Variación y cambio en el sistema pronominal de trato: el caso del español canario. In: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (org.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 717-734.

MUHR, T. ATLAS/ti: a prototype for the support of text interpretation. **Qualitative Sociology**, New York, v. 14, n. 4, p. 349-371, 1991. DOI <https://doi.org/10.1007/BF00989645>

NUYTS, J. Cognitive linguistics and functional linguistics. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.). **The Oxford handbook of cognitive linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007. p. 543-565.

PINHEIRO, D.; FERRARI, L. Linguística Funcional, Linguística Cognitiva e Gramática de Construções: mapeando o campo das abordagens cognitivo-funcionais. **Revista**

Linguística, Rio de Janeiro, v. 16, Número Especial Comemorativo, p. 595-621, nov. 2020. DOI <https://doi.org/10.31513/linguistica.2020.v16nEsp.a21492>

PONTES, V. O.; SILVA, R. F. Marcação / não marcação das formas de tratamento *tú*, *vos* e *usted* via planos discursivos. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 17, p. 1-24. 2023. DOI <https://doi.org/10.14393/DLv17a2023-14>

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa, 2009.

SANROMÁN VILAS, B. El uso de *tú* y *usted* en los jóvenes de Cádiz. In: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (org.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 734-754.

SERRANO, M. J. Análisis cognitivo-discursivo y situacional de las formas de tratamiento en función de sujeto y de objeto en español. **Spanish in context**, v. 15, n. 1, p. 103-126, 2018. DOI <https://doi.org/10.1075/sic.00005.ser>

SILVA, A. S. A linguística cognitiva: uma breve introdução ao novo paradigma em linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga, v. 1, p. 59-101, 1997.

SILVA, A. S. Perspectivação conceptual e gramática. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga, v. 12, n. 1, p. 17-44, 2008.